

Manual de escrita criativa¹

João de Mancelos

Três capítulos do livro

Como seduzir uma musa

Pode acontecer a qualquer altura e nos lugares mais insólitos: durante o duche, a meio de uma reunião bocejante no escritório, ou no metro sobrelotado quando regressamos a casa. Repentinamente, uma lâmpada acende-se sobre a nossa cabeça, como numa banda desenhada, e surge-nos uma ideia tão genial que exige ser transposta para o papel, de imediato. Por vezes, essa dádiva dos deuses, como dizia Paul Valéry, resume-se a um único verso; noutras ocasiões, mais pródigas, prolonga-se por páginas e páginas, escritas febrilmente. A essa vontade mágica e irreprimível de escrever chamamos inspiração.

Tais momentos são raros e preciosos. O impulso criativo tanto pode desvanecer-se em escassos minutos como prolongar-se numa espécie de êxtase. No glorioso dia de 8 de março de 1914, Fernando Pessoa gatafunhou as três dezenas de poemas de *O Guardador de Rebanhos* e deu à luz um dos seus heterónimos mais celebrados: Alberto Caeiro, o mestre. Também George Orwell, autor de *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*, sentiu esse ímpeto irreduzível, aquando do internamento num hospital, com tuberculose. Sentado numa cama metálica, escrevia à máquina durante horas, sem cessar. Quando os médicos, fartos do matracar das teclas, lhe confiscaram a Remington, desatou a tomar notas com a mão direita. Em desespero, as enfermeiras engessaram-lhe o braço. Foi inútil: passou a escrever com a esquerda.

Embora alguns autores prefiram o trabalho árduo e a persistência, nenhum permaneceu indiferente ao relâmpago da inspiração, e todos já se questionaram: de onde vêm as ideias que valem ouro? Faz parte da natureza humana tentar concretizar o abstrato. Ao longo de milénios, para visualizar a inspiração, escritores e artistas personificaram-na numa mulher esbelta e caprichosa, que é preciso saber seduzir. Luís de Camões, por exemplo, atribuía o sopro inspirador às Tágides, as sensuais ninfas que se banhavam no Tejo, e não hesitou em invocá-las em *Os Lusíadas*, pedindo o “engenho e a arte”.

Numa visão radicalmente diferente, García Lorca acreditava num ser sombrio e visceral: o duende inspirador. Esta força era necessária tanto para entoar uma balada cigana como para

¹ Mancelos, João de. *Manual de escrita criativa*. Lisboa: Colibri, 1.ª ed., 2013; 2.ª ed. aumentada, 2015.

escrever um romance. Relata Lorca que, certa noite, a célebre cantora andaluza Pastora Pavón tentava, com toda a técnica, agradar ao público, mas sem êxito. O que os ouvintes desejavam não era a perfeição, mas sim a *alma*, o génio. Então, Pastora bebeu de um trago um copo de aguardente, e desatou a cantar como uma louca, desgrenhada, sem fôlego, mas com “um duende furioso e avassalador (...) que fazia os ouvintes rasgarem roupas”.

Porque a inspiração se desvanece facilmente, aconselho o escritor aprendiz a tomar nota dos pensamentos brilhantes, mal estes surgem. Diz um ditado: “uma boa ideia é como uma lebre: ou a agarramos ou só vemos as orelhas a desaparecerem”. Por isso, traga sempre consigo um lápis e um bloco de notas — não vá a musa apanhá-lo de surpresa e oferecer-lhe uma canção.

Fisgar o leitor

No metro de Nova Iorque, sentou-se em frente a mim um jovem que vestia uma camisola onde estavam escritas as primeiras linhas de *História de Duas Cidades*, o célebre romance de Charles Dickens: “Eram os melhores tempos, eram os piores tempos; a idade da sensatez e da loucura; a era da fé e da descrença; o Século das Luzes e a Idade das Trevas; a Primavera da esperança e o Inverno do desespero”, etc. É um princípio fabuloso, que inúmeros fãs conhecem de cor, e que o meu companheiro de viagem exibia com orgulho.

Os romanos chamavam *incipit* ao parágrafo de abertura de um texto; na gíria da Escrita Criativa, este é simplesmente conhecido por “anzol”. Faz sentido: um bom escritor deve saber “fisgar” o seu público através de um princípio cativante, que convide à leitura integral do texto. Frank Herbert, autor de *Duna*, afirmava que “o início é o momento mais delicado”. Não é simples criar uma frase que soe bem e atraia logo à partida. Porém, o escritor aprendiz pode desdramatizar a dificuldade dessa etapa da escrita, aprendendo algumas técnicas com os grandes mestres.

A forma mais básica de “fisgar” o leitor é surpreendê-lo ou, melhor ainda, chocá-lo. Franz Kafka, na novela *A Metamorfose*, consegue exatamente isso, em escassas palavras: “Uma manhã, ao acordar de sonhos inquietos, Gregor Samsa viu-se transformado num gigantesco inseto”. É um princípio curto e tão eficaz quanto um mergulho nas águas gélidas do Ártico. Se escrever um conto de terror ou policial, este tipo de abordagem garante a continuação da leitura, porque espicaça a curiosidade, através do suspense.

Já uma história centrada numa personagem requer um início diferente. Foque um aspeto curioso do protagonista, algo que o distinga da generalidade das pessoas de papel e tinta. Vale tudo: uma mania esquisita, uma profissão invulgar, um passado sombrio. No conto “Homero”, Sophia Andresen descreve o Búzio, um velho que simboliza a liberdade e a poesia:

“Quando eu era pequena, passava às vezes pela praia um velho louco e vagabundo a quem chamavam o Búzio. O Búzio era como um monumento manuelino: tudo nele lembrava coisas marítimas. A barba branca e ondulada era igual a uma onda de espuma”. É um início perfeito: as frases são curtas e ritmadas, e a comparação do velho a um monumento é prodigiosa.

O que não deve fazer: evite começar um conto com uma descrição extensa e bocejante de uma paisagem bucólica. A menos que o leitor seja um botânico, ninguém quer saber se as rosas da Miss Fairfax desabrocharam mais cedo este ano. Porque um conto é uma narrativa breve, quanto mais cedo mergulhar na ação, sem empatar, melhor.

Um último conselho: gaste tempo com a elaboração do início da sua história, ponderando cuidadosamente as várias alternativas possíveis. Afinal, como afirma a escritora Jenny Newman: “Qualquer parágrafo que estimule o interesse do leitor constitui um êxito; qualquer um que não o faça é um completo falhanço”.

Como montar uma bomba-relógio

Conseguirá McGyver desativar a bomba nos poucos segundos que lhe restam, ou será reduzido a pó? Irá Robinson Crusoe escapar ao apetite insaciável dos canibais? Haverá um futuro cor de rosa para Elizabeth e Mr. Darcy, ou serão para sempre afastados pelo orgulho e preconceito? Quer se trate de um *thriller* ou de uma história romântica, o suspense encontra-se em toda e qualquer narrativa e sem ele não existirá, verdadeiramente, um enredo.

No decurso da história, o leitor aguarda, de coração nas mãos, torcendo para que o herói ou heroína supere todos os obstáculos e provas. Por vezes, incapaz de resistir à ansiedade, até faz batota e salta algumas páginas, para vislumbrar o desenlace do enredo. É compreensível, pois o suspense gera no leitor o mesmo efeito de uma bomba-relógio prestes a explodir: o coração bate depressa, o ritmo da respiração aumenta e o nível de adrenalina dispara.

Existem inúmeras estratégias para enervar o leitor, e romancistas como Agatha Christie, John Le Carré ou João Aguiar dominaram-nas perfeitamente. Se é um escritor aprendiz, recomendo-lhe a “técnica da escada”, a forma mais básica para criar suspense. Imagine o enredo da sua história como uma escada que o protagonista deverá subir, pouco a pouco, ao longo da aventura. Cada degrau representa um desafio a enfrentar: quando o herói ultrapassa um, surge-lhe outro, mais elevado, correspondendo a uma dificuldade maior. O cimo da escada é o clímax, ou seja, o ponto alto da ação. É quando ocorre o duelo de vida ou de morte entre o guerreiro e o dragão, ou o momento em que o camponês confessa o seu amor à princesa, receoso de não ser correspondido. Numa narrativa bem estruturada, o suspense vai aumentando, pouco a pouco e, com ele, o sofrimento tanto do herói como do leitor, até à vitória final.

Ao planificar a história, tenha em conta dois conselhos, para não tropeçar na escada do suspense. Primeiro, nunca coloque uma dificuldade menor a seguir a uma maior, ou interromperá o crescendo da tensão com um anticlímax. Seria como um desagradável esguicho de água gelada, durante um duche quente. Segundo, evite criar demasiados obstáculos no enredo, pois a ansiedade, em excesso, também maça o leitor. Este pode até julgar que o protagonista carece da inteligência e coragem necessárias para levar a cabo, com êxito, a missão.

Num livro sugestivamente intitulado *The Neurotics Notebook*, de Mignon McLaughlin, o autor argumenta: “Até os covardes conseguem suportar a dureza. Mas apenas os bravos aguentam o suspense”. Incerteza, ansiedade, terror. Na vida real, temos esses sentimentos, é certo, mas na ficção alimentamo-nos deles com gosto e pedimos mais. Porquê? Talvez ler romances de ação constitua um exorcismo dos nossos próprios medos, ou uma forma de aprender a solucionar problemas, com a ajuda das personagens que admiramos. Afinal, no fantástico mundo das letras, todos somos heróis e cada página é uma aventura.

Sinopse

Tem talento para as letras, mas faltam-lhe as técnicas e os exercícios para o desenvolver? Não dispõe de tempo ou paciência para frequentar oficinas de escrita criativa? Então, este livro bem-humorado e prático é para si. Nele, João de Mancelos explica as técnicas fundamentais para escrever um conto, novela ou romance. Propõe ainda alguns exercícios úteis e divertidos, que pode fazer individualmente ou em grupo. Aprenda a recolher ideias, desbloquear a inspiração, gerar suspense, construir uma personagem irresistível, criar uma atmosfera mágica, e muito mais! Manual de Escrita Criativa constitui o livro ideal para autores aprendizes, amantes da leitura, jornalistas, publicitários e formadores de Escrita Criativa.